

DA POSSIBILIDADE DA DIPLOMACIA NA EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E NO SER PROFESSOR – UMA PROJEÇÃO PARA 2050

THE POSSIBILITY OF *DIPLOMACY* IN EDUCATION, FORMATION AND ON BEING A TEACHER – A PROJECTION FOR 2050

António Camilo Cunha¹
<https://orcid.org/0000-0001-9652-9870>

Resumo:

O texto é um ensaio que procura olhar para a formação de professores e para o ser professor. Através de uma reflexão interpretativa, tenta “projetar” essa realidade tendo, como metodologia de análise, uma hermenêutica de perguntas e respostas, de construção e desconstrução, de continuidades e descontinuidades – saindo, portanto, dos cânones de uma metodologia científica de investigação e reflexão. Assim, o ensaio parte de nove pilares e três perguntas iniciais que tentam esclarecer os caminhos educativos, fazendo depois o elogio à diplomacia e ao professor diplomata. Das várias palavras-chave que configuram a diplomacia, o ensaio enfatiza a *linguagem, a experiência, a interpretação e o cuidado*, como caminhos a serem “percorridos” pelo *professor diplomata*, sem esquecer a sua formação e profissionalidade – para ser um Bom professor. Consideramos (projetamos) 2050, pois é uma data simbólica (metade do Sec. XXI), e talvez nessa metade, pelo que vamos observando no mundo - conflitos, disputas, mudanças – a humanidade e a educação necessitem de um professor diplomata como um dos esteios de segurança e retorno ao sentido humano.

Palavras-chave: formação de professores; filosofia da educação; linguagem.

Abstract:

The text is an essay that tries to look at teacher training and being a teacher. To this end, through an interpretive reflection, it tries to “project” this reality using as analysis methodology a hermeneutic of questions and answers, of construction and deconstruction, of continuities and discontinuities. This fact comes out of the canons of a scientific methodology of investigation and reflection. Thus, the essay starts from nine pillars and three initial questions that try to clarify the educational paths, later praising diplomacy and the diplomat professor. Of the various keywords that make up diplomacy, the essay emphasizes language, experience, interpretation, and care, as paths to be taken by the diplomat professor, without forgetting your training and professionalism – to be a good teacher. We consider (we project) 2050, as it is a symbolic date (mid-Sec. XXI), and perhaps in this half, from what we are observing in the world - conflicts, disputes, changes -

¹ CIEC / Instituto de Educação - Universidade do Minho. E-mail: camilo@ie.uminho.pt

humanity and education need a diplomat teacher as one of the pillars of security and return to the human sense.

Keywords: education; teacher education; philosophy of education

INTRODUÇÃO

Parece haver unanimidade quando se diz que a educação foi uma das maiores invenções da humanidade. Era necessário retirar o homem da sua animalidade e dar-lhe um sentido mais humano pelo caráter inteligível e livre. Dessa invenção (necessidade), e depois no percurso do homem (o sentido da história), começaram a aparecer novas e diferentes perspectivas no ato de educar, muito influenciadas pelos envolvimento filosóficos, culturais, políticos, científicos, económicos. Hoje, de forma crescente, também é visível uma influência tecnológica e de mercado.

Dos anos que temos dedicado à formação e à investigação de professores, podemos fazer uma pequena sistematização, destacando: a educação informal, não formal, formal; as formas de organização e intervenção através de modelos, paradigmas, instrumentos didático-pedagógicos, currículos; os tipos e formas de escolas, projetos de investigação e de intervenção social etc. Umbilicalmente ligada à educação, emerge a figura do professor e do educador e, com ela, olhares diferenciados sobre o ser professor e as suas responsabilidades: o professor como um agente educativo, social e cultural; os direitos e os deveres dos professores (sua profissionalidade); os tipos e perfis de professores; a formação de professores (formação inicial, contínua, especializada – socialização de professores/formação ao longo da vida), entre outras manifestações.

De fato, a dimensão *Educação, Formação* e o *Ser Professor* são realidades tão amplas e ricas que hoje existem, diríamos, milhares de artigos, livros, teses, pesquisas, projetos, sem esquecer o infindável número de reuniões – debates, congressos, seminários nacionais e internacionais – que abordam estas problemáticas.

Apesar da quantidade e da qualidade de teorias e práticas educativas, a educação parece continuar a não cumprir o seu ideário universal/pleno, isto é, construir um ser humano culto, elevado, capaz de viver individualmente e coletivamente em paz e em prosperidade, na perseguição do novo e da utopia. Este facto parece ser ainda mais intrincado mediante uma sociedade cada vez mais complexa, multicultural, global, burocrática, fraturada e mergulhada na técnica e tecnologia (com os seus prós e contras). Foi esta constatação que nos impeliu a desenvolver esta *reflexão teórica e intuitiva* – apoiada numa metodologia de análise que assenta numa racionalidade teórico/empírica/ interpretativa/hermenêutica (GADAMER, 2002) –, convocando a ideia de que um professor do futuro (e já neste presente) terá de recuperar algumas dimensões daquilo que nos faz humanos e que a educação poderá ilustrar: *a capacidade de linguagem, palavra e conversação; a capacidade de interpretação e da experimentação (uma hermenêutica); a capacidade de convocar o cuidado nas questões relacionais*; sem esquecer a sua formação e profissionalidade – para ser um Bom professor. Gostaríamos de enfatizar que esta reflexão, ao fazer o *elogio ao professor diplomata*, apresenta apenas uma possibilidade entre uma infinidade de possibilidades e perspectivas igualmente válidas... pois, a *utopia continua*. Consideramos (projetamos) 2050, pois é uma data simbólica (metade do Sec. XXI) e, talvez nessa metade, pelo que vamos observando no mundo – conflitos, disputas, mudanças – a humanidade e

a educação necessitem de um professor diplomata como um dos esteios de segurança e retorno ao sentido humano.

OS PILARES DA EDUCAÇÃO E AS PERGUNTAS PRELIMINARES

Quando nos situamos nos grandes ideários educativos (*educação plena*), encontramos vários sentidos/dimensões. Gostaríamos aqui de destacar *nove pilares* (intemporais) que traduzem essas ideias de uma educação mais plena (poderão existir outros). A saber:

- a) A educação é mais plena *pela palavra, pelo exemplo e pelo afeto*;
- b) A educação é mais plena quando há um *Homem-Todo* (já cantado pelos gregos – fundadores da cultura ocidental), veiculando o *sensível, o inteligível, o imanente e o transcendente*;
- c) A educação é mais plena quando as ideias *do eu, do outro e da natureza* são olhadas e respeitadas como sujeitos de linguagem, comunicação e cultura – estamos numa *radicalidade empática*, na qual é dada a oportunidade de perceber o outro por ele mesmo, escutando-o;
- d) A educação é mais plena quando a imaginação, o sonho e a utopia estão presentes, constituindo-se (também) como as “sementes” da ciência;
- e) A educação é mais plena quando os valores estruturantes, como a moral, a ética e a estética estão igualmente presentes;
- f) A educação é mais plena quando convoca múltiplas racionalidades, linguagens (fábulas, contos, postulações, relatos, metáforas) e culturas (o multicultural) que dizem o ser humano nas suas infinitas possibilidades;
- g) A educação é mais plena quando não esquece os vários tipos de conhecimento do humano (teoria geral do conhecimento): o conhecimento científico (*episteme*), o senso comum (*doxa*), o conhecimento artístico, religioso e filosófico;
- h) A educação é mais plena quando se situa no seu tempo (consciência do tempo e do espaço) e se projeta na transformação do mundo, abrindo-se ao porvir;
- g) A educação é mais plena quando integra as novas realidades culturais e técnicas – estamos a falar da técnica e da tecnologia, do real e do virtual.

Perante estes pilares, várias perguntas podem ser construídas e colocadas. Destacamos três questões que, de alguma forma, sustentam os compromissos educativos de hoje e do futuro:

I) O QUE É O *SER HUMANO* E O QUE NOS TORNA HUMANOS?

Existem várias teorias e várias taxonomias que tentam descrever a ideia de ser humano. Partindo das perspectivas desenvolvidas por Abbagnano (2007), apresentamos uma sistematização sobre a ideia de ser humano e humanidade.

i) A relação do Ser Humano consigo mesmo, com o Cosmos e com Deus.

Talvez possamos dizer que é uma *relação profundamente existencial*, onde as várias dimensões do humano estão presentes. As questões relativas ao conhecimento de si, do outro, da natureza, passando depois pelas questões relativas à existência de Deus, à angústia existencial, à

liberdade, à vontade, ao livre arbítrio, à morte, à eternidade e até à revolta, entre outras, são (estão) colocadas neste patamar;

ii) *As características e capacidades são próprias do Ser Humano.*

Sabemos que o ser humano é um *construtor, escultor, de si*. Ele tem em si *potências*, no sentido aristotélico, e *linguagens* que dizem o humano. A sensibilidade, a emoção, a inteligência, a razão, o pensamento, a consciência, o espírito, a intuição, a ética, são alguns desses exemplos; sem esquecer outras dimensões, como a religiosidade, a imaginação, as metáforas, a política, a cultura, a técnica, a arte, a poesia, a literatura, a estética, a ciência, o simbólico. No simbólico, destacamos a *figura do herói* – a humanidade precisa de heróis que seguem na frente, que iluminam e inspiram.

iii) *A capacidade de auto e hétero projeção.*

É a partir das representações anteriores que dizem o ser humano (existência, potência, relação, capacidade) que se estrutura a *capacidade de auto e hétero projeção*, tendo como palavra-chave a *ação*. Entendendo a *ação* no sentido Aristotélico, ou seja, como a passagem da *potência ao ato*².

O ato remete, necessariamente, para o corpo, convocando de imediato o seu elogio – *o que pode o corpo!?* (a pergunta de Bento Espinosa) –, enquanto aspeto determinante do viver humano.

Sentimos e experimentamos que somos eternos visto que, vivenciamos internamente a união do nosso corpo com a nossa mente, assim como, vivenciamos imediatamente nossa união com a natureza inteira (ESPINOSA, 2009, p. 77).

O corpo aparece, assim, como lócus de experiência, de aprendizagem e de conhecimento, bem como expressão da perseveração e da expansão na existência. O corpo e os afetos/emoções estão, assim, relacionados com a vida ativa alegre e com ela a virtude, a força atuante, o entusiasmo e aprimoramento de nosso ser – expressão ética (CHAUÍ, 2011, 2002; DELEUZE, 2002; DAMÁSIO, 2012).

II) A EDUCAÇÃO DE HOJE (ANO DE 2020) EDUCA PARA AQUILO QUE NOS TORNA HUMANOS, PARA AQUILO QUE DIZ O VIVER E O EVOLUIR HUMANO?

Pelos nossos olhares lidos, investigados e vividos estamos em condições de dizer que a educação parece não cumprir esse desiderato como seria desejável. Permitam-nos ser pessimistas – *o pessimismo como esclarecimento*. Assim, se olharmos para o tecido social, educativo e investigativo há, de facto, uma educação formal e informal, não formal, tecnológica. No entanto, esta parece estar muito direcionada para a racionalidade, para o trabalho, produção e eficácia. Tal facto terá promovido fenómenos (muitas vezes) extremos de competição, de violência, real e

² É a partir daqui que se constrói um outro ideário humano: *a excelência*. Apesar de este não ser o espaço para falarmos da excelência, de forma sumária, gostaríamos de referir a excelência cantada pela *Paideia* e *Areté* Grego, pela *Humanitas* Romana, pela *Bildung* Alemã (metáfora da caminhada/viagem cultural ao longo da vida), pela Educação Moderna (Escola Nova /Moderna) no tocante ao elogio (e à recuperação) da *ética individual*. Esta excelência tem como *palavras-chave*: cooperação, empatia, carácter, amizade, rosto, cogito, emoção, presença, hospitalidade, ética, cuidado. Podemos encontrar, ainda, outros tipos de excelência: a excelência *como produtividade/racionalidade produtiva* (*ideia de progresso – que hoje predomina*) e a excelência *como procura, manifestação e elevação espiritual* (*nobreza de espírito*).

simbólica, com graves implicações na formação do caráter, da cultura e das relações humanas. Aliás, estes cenários já estão identificados na literatura e nas nossas práticas, enquanto professores e investigadores. A este propósito, António Nóvoa³ refere-se a esta realidade/mudança (na educação e na formação), dizendo que as mudanças deixaram de ser feitas no interior da profissão, da escola, do Estado (mudanças micro/internas), para serem efetuadas pelos “novos invasores”, vindos de fora, como é o caso dos “cientistas”, dos “empreendedores”, da “tecnologia” e da “medicina”, afirmando mesmo que a educação pode vir a tornar-se num ramo da medicina e da tecnologia.

Na mesma linha, Licínio Lima⁴ coloca em “confronto”, ou melhor, numa *dialética*, duas realidades. A saber: *i*) uma educação centrada naquilo que nos torna humanos, nomeadamente: a política, a comunidade, a solidariedade, a cooperação, a autonomia, a justiça, a consciência, a liberdade, a ética, a ciência, o conhecimento, entre outros – pilares da formação e do progresso humano. Refere (em continuidade) que estes sentidos, de alguma forma, dialogam nos vários patamares da existência – micro-meso-macro; *versus ii*) uma educação prisioneira (*no sono*) de uma racionalidade técnico-instrumental ao serviço da produção, do mercado, da competição da competência, do lucro, da mercadoria, do défice.

Estamos perante um “*novo homem!?*”, um “*homem máquina!?*”, cuja máxima é *competir para progredir*, ou, pelo contrário, teremos a responsabilidade (racional/razão crítica) de não esquecer o ser humano, cuja máxima é *progredir (cooperar) para existir?* Pensamos mesmo, na esteira de Hessel e Morin (2011), que a humanidade chegará à conclusão que *cooperar será muito melhor do que competir*. Aliás, as questões ecológicas começam a dizer isso mesmo!

Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos (ARENDDT, 2013, p. 45).

Precisamos (também), como referem Naranjo (2015, 2019) e Ramos (2019), de uma educação/pedagogia *afetiva e amorosa*. Se bem que os mesmos autores reconheçam (concordamos com isso) que o amor na educação, de modo a formar o autoconhecimento dos alunos e com ele a capacidade de serem pessoas autónomas, saudáveis e solidárias, não é bem acolhido, como acontece na religião e na poesia.

III) QUAIS OS CAMINHOS DESEJÁVEIS DA EDUCAÇÃO PARA O FUTURO?

Da análise às duas questões de partida referidas anteriormente, talvez possamos eleger uma palavra-chave que faz a síntese do que é um *Ser humano*, do que nos torna humanos e que deverá ser parte estruturante na educação. Essa palavra é a *linguagem*. A linguagem, as múltiplas linguagens como práxis. Assim:

i) é pela linguagem que se concretizam as capacidades e expressões do *Homem-Todo*, na busca de sentido e esclarecimento (ADORNO; HORKHEIMER, 2008);

³ Conferência realizada no dia 15 de fevereiro de 2019, no Instituto de Educação da Universidade do Minho, no âmbito das Conferências Itinerantes da SPCE: “Ciências da Educação, o que ainda precisamos saber?”

⁴ Conferência realizada no Instituto de Educação da Universidade do Minho a 20 de maio de 2019, enquadrada nas comemorações dos 25 anos da Licenciatura em Educação da Universidade do Minho.

ii) *é pela linguagem* que emerge a ideia *do Eu* – enquanto ser individual e individualizado. Cada Ser é um Ser e não há outro igual, cada Ser é uma potência e ato; *do Outro* – enquanto ser de relação, de alteridade, de *práxis* política e cidadã pela capacidade de participação e do viver juntos; *do Contexto* – enquanto ser de relação, de envolvimento, de circunstâncias – tempo, espaço, história e cultura (SERRES, 2004; 2019);

iii) *é pela linguagem* que se gizam os caminhos da utopia. Destacamos a ideia de utopia em Platão (*A República – 380 a.C.*); em Morus (*Utopia – Ilha da Utopia – 1516*); em Campanella (*A Cidade do Sol – 1602*); em Bacon (*Nova Atlântida – A grande Instauração – 1627*); e a ideia (utópica) de Araújo e Araújo (2019) que nos trazem para a educação: *a educação como a ilusão necessária e (in) concretizável*. Os últimos autores vêm afirmar que as “velhas pedagogias” continuam a ser dominantes e que as “novas pedagogias” que aparecem com a chancela de inovação/criação, acabam sempre por prestar vassalagem às velhas pedagogias... alimentando-as. *Estas Novas e Jovens ideias tornam-se velhas*. Contudo, fica a esperança (a nossa esperança/utopia) de que *o não lugar do Novo*, se torne, *O lugar* – Ele mesmo!

iv) *é pela linguagem* que a ideia de uma educação para *consciência humana* se concretiza. As potencialidades e manifestações afetivas, amorosas, intelectuais, naturais, espontâneas, deverão estar na morada dessa consciência, sendo *matéria do intemporal*. Destas constatações, surge a defesa do *Professor Diplomata* (o miolo da nossa reflexão) capaz de fazer pontes entre as várias dimensões que dizem o homem.

A DIPLOMACIA E O SENTIDO DIPLOMÁTICO

O sentido da diplomacia apareceu quando o ser humano teve necessidade de *viver junto*, conforme o sentido da *polis* e, a partir daí, a diplomacia construiu a sua história (MAGNOLI, 2006). A ideia de diplomacia apresenta um significado dinâmico que, partindo da organização do Estado, das relações nacionais e internacionais, se prolonga para outras organizações não estatais e mesmo individuais (BRITO, 2007; BARSTON, 2014). O núcleo central da diplomacia será sempre a *arte da negociação e da relação entre pares*, prolongando-se hoje ao sentido global nas dinâmicas da diversidade, do (não) conflito, da mudança, da complexidade, das novas tecnologias (NEVES, 2011).

Salientamos as novas tecnologias, em particular as TIC (tecnologias da informação, do conhecimento e das novas relações humanas). As TIC, como nova realidade, conduziram (conduzem) a uma profunda mudança no pensamento e na ação da diplomacia (CASTELLS, 2005; BASTOS, 2012). A computação em rede, pela imagem e pelo virtual (redes sociais, científicas, políticas, profissionais, entre outras), veio mitigar e alterar as responsabilidades do Estado e atribuir a outros atores essa missão comunicacional e negocial – descentralização e horizontalização –, com todas as vantagens e desvantagens inerentes. Estas novas realidades vêm trazer, por exemplo, um aumento de poder negocial e decisional de atores governamentais (nacionais e internacionais) e não governamentais (MOREIRA, 2005) e um aumento de poder negocial de outros atores presentes, por exemplo, nas universidades, cujo papel político e económico é determinante (HEITOR, 2015).

Destas novas realidades (a tecnologia e o virtual), emerge uma reconfiguração da ordem nacional e internacional, pela passagem gradual do Estado para as redes e, com ela, novas formas

de rivalidade e cooperação (LARA, 2015; MAGALHÃES, 2005). Neste contexto, ressaltamos a diplomacia *científica e tecnológica*, que começa a tratar das grandes questões planetárias, como as questões relativas ao ambiente, saúde, alimentação, energia, clima (AIZAWA, 2008; VARELA, ET.AL. 2017; MENDONÇA, 2015; MOREIRA, 2005; RIBEIRO, 2011).

Realçamos então algumas *palavras-chave* que configuram a *práxis* diplomática: *delicadeza, educação, gentileza, fineza, sageza, ponderação, sensatez*; assim como elementos da *linguagem: experiência e cuidado* – (aspetos que desenvolveremos mais à frente de forma mais profunda). O objetivo da diplomacia (uma das suas máximas) é, assim, o respeito pelo próximo, sabendo lidar de modo pacífico perante diferentes situações, interesses e comportamentos (SOUSA GALITO, 2011). Na diplomacia estão, pois, contidas as relações (conflitos/acordos) nos vários patamares – micro, meso e macro –, bem como as matérias/semes que dizem respeito aos vários interesses dos humanos e da natureza com *vista à paz, ao progresso e à felicidade dos povos*.

O PROFESSOR DIPLOMATA

Pelo até aqui exposto, pensamos que o futuro reserva um professor que consiga dar resposta a um tempo novo cada vez mais complexo, denso, ambíguo e, ao mesmo tempo, interativo e criativo. É possível que, em 2050, venhamos a ter necessidade de um novo domínio na educação e no ser professor: o *diplomático*. À pergunta: se estamos uns com os outros, como estaremos ligados uns com os outros no futuro? Pelas dimensões instrumentais? Pelas dimensões relacionais? Pelas dimensões utópicas? Por todas elas, por certo, mas elevemos aqui a *dimensão relacional*, explorando três caminhos: *a linguagem, a experiência e o cuidado*.

O PROFESSOR DIPLOMATA E A LINGUAGEM

A linguagem é um campo complexo, com muitos olhares. Realçamos o olhar (filosófico) de Heidegger (2015), quando se refere à linguagem como *revelação do Ser no seu existir*. Antes de ser um meio de conversação, comunicação e diálogo, a linguagem é uma forma de revelar o Ser em si mesmo, a experiência do Ser, o vigor do Ser, o Ser aí, o estar aí, o espírito do Ser na existência. A linguagem como *empenho no mundo*.

A existência como manifestações do *Desein* (ser-aí, estar-aí, presença) – em si e fora de si e com ela expressões e manifestações de: o ser para o ser-no-mundo, poder-ser, já-ser-em, já-ser-lançado, ser-com-eu-tu, chama e determina a compreensão e a vontade da existência... existir é empenhar-se no mundo. É ter a ver com as coisas e se interessar por elas (HEIDEGGER, 2005, p. 255).

Não há nada fora da linguagem (WITTGENSTEIN, 1987; DERRIDA, 1998) e é por ela que o *Ser se revela, acena e se mostra*. Neste contexto, Heidegger salienta outra ideia central: *a palavra* – e com ela a ideia da pergunta, também como forma de revelação do Ser. É a palavra que mostra o existir do Ser, mas também mostra a relação com os outros e com o mundo. É esta palavra (certa) que deve estar presente no vigor poético, na ciência, na educação – *a palavra como desígnio*. Depois da linguagem e da palavra que revelam o Ser, ela expande-se sob a forma de conversação, comunicação, criação, autonomia, mediação, interpretação e diálogo (FREIRE, 1996; LIBÂNEO, 2001; SICHELERO, 2018, 2019).

É este um dos sentidos que, em nosso entender, deveria orientar a *práxis educativa*. A linguagem / dialogar educativa(o) aparece, pois, como experiência do dizer e do ouvir, do lançar-se no outro – hospitalidade, escuta gratuita – e, ao mesmo tempo, constitui-se como experiência de si-mesmo. O entendimento, a compreensão e o fazer-se presente (mesmo longe) constituem expressão de um aceno que traz a ressonância, a sensibilidade, a melodia (HEIDEGGER, 2015) que, numa síntese, podemos entender como *conversação*. A conversação como caminho educativo e do viver humano. Este facto está para lá de uma educação demasiado instrumental e de excessiva regulamentação.

Um dos autores que mostra bem esta dimensão diálogo, comunicação, *conversação* é Habermas (1987) – sem esquecer um grande precursor, Freire (2003) –, através do seu *agir comunicacional*, como crítica radical à sociedade industrial moderna (de fechamento). O agir/ação comunicacional de Habermas coloca de novo o homem “em presença” e tenta mitigar a relação/razão/racionalidade instrumental. Faz o elogio à ação comunicativa, que esteja no meio do mundo-da-vida, como elemento central da construção de identidades, da crítica e da ação política. “Só a racionalidade comunicativa refletida numa autocompreensão da modernidade, oferece uma lógica interna (...) para resistir contra a colonização do mundo da vida pela dinâmica interna de sistemas autônomos” (HABERMAS, 1989, p. 333). A linguagem e suas manifestações – *palavra, Ser, conversação, diálogo, vontade, revelação, cooperação, comunicação, entendimento* – são, pois, alguns dos canais que o *professor diplomata* terá (deverá ter) em si.

O PROFESSOR DIPLOMATA: UM HERMENEUTA DA EXPERIÊNCIA

A experiência sentida, encarnada, pensada, espiritualizada, é a expressão máxima da nossa vida imanente e transcendente. No entanto, nesta era da informação e da técnica (outro tipo de experiências de tempo e espaço) parece que tem havido uma atrofia da *experiência monista* (o homem-todo com a natureza-toda). Neste sentido mais natural (naturalista), temos *afastado a mente do corpo*, porque o acontecimento é vivido e comunicado num plano quase exclusivamente virtual. Neste tempo, a pressa, outrora sinónimo de imperfeição, converteu-se na máxima “não há tempo”, cuja relevância se imprime nos relatos sobre coisas, acontecimentos e pessoas que se circunscrevem na lógica do efémero.

A experiência é cada vez mais rara por falta de tempo, ou rápida, dado que não passa de “momentos do sensível” ou de uma “vivência” que não deixa marca. Deste modo, reduzimos o estímulo ao fugaz e instantâneo que, imediatamente, é substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente efémera e fragmentada (ELIAS, 1998; BONDÍA, 2002; HONORÉ, 2005; LESSA, 2016). Estamos, portanto, num tempo e num espaço que mudaram e nos retiraram a ideia de experiência que dá futuro. Aquela que fica “encarnada/espiritualizada” no corpo e no espírito.

Ao contrário deste sentido atual, o da experiência efémera, será necessária uma experiência do corpo, do tempo, do espaço, da vida vivida e sentida (CHAUÍ, 2011; GRIFFERO, 2009). A este propósito, Benjamin (2012) – um homem da teoria crítica da Escola de Frankfurt – faz o elogio à experiência, como aquela que recupera as marcas do passado, olha o presente e projeta o futuro. Só há experiência no presente quando não se esquece a memória, o passado, a tradição e a lentidão que deixam marcas. Só assim poderemos falar da experiência no futuro. Também Serres

(2004) nos diz que a humanidade chegou aonde chegou graças ao *treino, à técnica e à repetição*, manifestações de uma experiência total: corporal, imanente, encarnada.

Neste contexto, emerge um novo (outro) sentido. *O sentido da hermenêutica*. A experiência terá, na hermenêutica, o campo da sua interpretação e reinterpretação – uma radicalidade hermenêutica!? Esta ideia já nos havia sido colocada por Gadamer (2002), nas dimensões de construção e fusão de horizontes. A hermenêutica como expressão da linguagem, do perguntar e do responder, poderá (no nosso entendimento) ser caminho da manifestação e compreensão da experiência – sua interpretação. Não uma interpretação fugaz, sem sustentação, mas, antes, uma interpretação sólida, capaz de abrir outros sólidos horizontes. O processo educativo como um *processo hermenêutico*, em que a linguagem e a experiência têm vida própria na revelação e expansão do *Ser e do Existir*. É nesta linguagem que se revela o Ser da educação, pelo compreender e interpretar: “Assim, somos um modo de ser no mundo e não apenas descrevemos coisas no mundo” (STEIN, 2004, p. 67).

O diálogo educativo tem, na linguagem (um perguntar e um responder) e na experiência vivida, dois pilares estruturantes. É, por isso, pensado com a mente e com o corpo, levando o homem ao mundo-vivido, ao ser-no-mundo, ao mundo experienciado – *um sentido ôntico*.

Não se pense que esta atitude pedagógica é fácil. Antes pelo contrário, é um caminho difícil, sinuoso, desgastante, mas compensador. O professor diplomata constitui-se, pois, como um educador das possibilidades. Possibilidades de linguagem, de hipóteses, de perguntas, de respostas e *de experiências...* nunca definitivas... e que só o serão na apreensão séria e definitiva da alteridade e da relação com o mundo.

O PROFESSOR DIPLOMATA E O CUIDADO

Intrinsecamente ligada à *linguagem, à palavra, à experiência e à interpretação* surge a ideia de *cuidado*. O cuidado é, porventura, um dos caminhos mais recomendáveis para *Ser professor, agora e, em particular, em 2050*. Numa rápida consulta ao dicionário de Língua Portuguesa (SÉGUIER, 2004), “cuidado” significa: *atenção, cautela, precaução, diligência, solicitude etc.* Entender e colocar em prática o cuidado – com nós mesmos, com o outro, com a natureza, com a vida, com o passado, presente e futuro – é convocar a ética da responsabilidade pedagógica. A este propósito, Jonas (2012), ao abordar a ética da responsabilidade, afirma que é nossa responsabilidade que deixemos o mundo habitável para as gerações futuras. Heidegger (2005), ao referir-se à *existência* e ao *cuidado*, considera que este é uma marca antes do existir e o próprio *Desein*, ser-aí, estar-aí, presença, existência, como condição ontológica primordial do Ser e que depois é lançada no mundo.

O cuidado, enquanto totalidade estrutural originária, dá-se existencialmente *a priori* “antes”, quer dizer, desde sempre, em todo fático “comportamento” e “situação” do ser-aí... é no preceder a si mesma, enquanto ser para o *poder-ser* mais próprio, que subsiste a condição ontológico-existencial de possibilidades propriamente existenciárias (HEIDEGGER 2005, p. 193).

Esta presença, que diz a totalidade das estruturas ontológicas do *Desein*, é depois lançada no mundo, levando à relação com o mundo, o ser-no-mundo, o ser em relação. Este facto compreende, assim, todas as possibilidades da existência que estejam vinculadas às coisas e aos outros homens e... à natureza – *há, assim, um cuidar de si, cuidar de algo, cuidar de alguém*. Este

cuidado, fundamento do viver, é, pois, anterior às expressões: aflição, tristeza, preocupação com a vida. É, antes de mais, do campo iniciático ontológico, onde se encontra a despreocupação, a alegria do ser-aí e do ser-no-mundo e, com ele, o sentido da ocupação, da solicitude, do amor, da cura (Sorge), do outro. É também pelo cuidado que se estabelecem as pontes com a ética, o bem, a responsabilidade, a alteridade, a compreensão fenomenológica e hermenêutica (KANT, 1999A; LEVINAS, 1991; RICOEUR, 1994; HUSSERL, 1986; MERLEAU-PONTY, 2012; STEIN, 2004), assim como com a compreensão do humano na sua poesia, cultura, sentido, acolhimento, esperança (KROEBER, 1993; PASCOAIS, 1993; MIRANDOLA, 2006; ARENDT, 1997; VAZ, 1992; VIEIRA, 2013). Em 2050, o professor será um diplomata: *um cuidador do passado, do presente que fará e trará futuro.*

A NECESSIDADE DE FORMAR BONS PROFESSORES

Do que temos vindo a expor, necessariamente urge falar do professor – na sua formação e na sua profissionalidade. Para tal, a necessidade de uma formação para a *excelência* - recuperando a ideia de Paideia e Areté Grego. Uma formação que deixe de ser frágil, pouco sustentada, sem significado e sentido. Mas sim, uma boa formação contempla na nossa perspectiva (no nosso horizonte) uma *tripla matriz* formativa, maior ou menor conforme a área de especialidade i) formação no campo das ciências naturais; ii) formação no campo das ciências humanas e do comportamento; mas também uma formação que contemple outras formas de conhecimento – iii) teoria geral do conhecimento – onde a cultura, o senso comum, a arte, a tradição, a memória, a identidade, a ética, a estética, a cidadania, etc. se fazem presentes.

A formação de professores talvez precise de maior profundidade teórica e reflexiva. Precisa de mais leitura, precisa de mais perguntas. Talvez precise de mais inovação, criação, largura, originalidade. A qualidade de um profissional de educação (e a correspondente qualidade curricular/programática) não se mede pela quantidade instrumental de intervenção, mas, pela capacidade e profundidade reflexiva, pela capacidade de trazer o novo, pela capacidade de ser original, pela capacidade de responder aos estudantes e comunidades.

O professor na sua vertente formativa e profissional, talvez deva ainda ir mais além. Dar respostas para além da ação profissional na sua especialidade. *“Um professor que só sabe da sua matéria da especialidade, nem dessa matéria sabe”*. Um bom professor deve convocar para a sua práxis outros horizontes formativos, reflexivos e interventivos das questões emergentes da vida humana: inclusão, pobreza, cidadania, ecologia, ambiente, minorias, globalização, localismo, questões de gênero, raça etc. – que precisará necessariamente de um professor diplomata.

A qualidade de compreensão e aplicação de um currículo, a qualidade do ato didático-pedagógico, tem muito a ver também com a qualidade do professor que o interpreta e o aplica. Nesse sentido a necessidade urgente de formar bons professores (bons planos curriculares para a graduação e para a formação continuada).

UM NOVO PENSAMENTO URGE

Perante o exposto, talvez possamos dizer que, com o surgimento do *professor diplomata*, um novo pensamento urge:

i) *Um novo pensamento* que promova “pontes” entre o melhor da herança moderna – com a sua máxima: *fiat lux / faça-se a luz* –, da qual somos histórica e culturalmente herdeiros e que nos trouxe, por exemplo, com Locke (2019) e Nietzsche (2010) a ideia do *homem aristocrata*; com Rousseau (1995) a ideia do *homem natural*; com Kant (1996, 1999b) a ideia do *homem esclarecido e autónomo*; e o melhor da realidade do pensamento pós-moderno. Um pensamento portador de novas objetividades e, sobretudo, de novas subjetividades, um pensamento que tenha a capacidade de desnudar e denunciar uma práxis excessivamente ao serviço da economia, do mercado (o mercantil), da eficácia, da gestão centralizada;

ii) *Um novo pensamento* que resgate o pensamento sobre si mesmo (autoconhecimento/compreensão). A capacidade de fazer um exercício de si no pensamento, para poder *ver diferente do que se vê*. A capacidade de ver novos caminhos, novos valores, novos sentidos para a existência;

iii) *Um novo pensamento* que não se situe apenas no ideário do intelecto, mas que convoque o corpo – como refere Friedrich Nietzsche (2010), o corpo (movimento) como a *Grande Razão*. Uma radical dialética entre o *dentro* e o *fora* estará em ação, promovendo outros sentidos de compreensão e relação;

iv) *Um novo pensamento* que tenha a capacidade de mudar a cultura organizacional da escola e da educação. Uma escola ainda prisioneira de uma cultura burocrática, com códigos curriculares e profissionais fechados. Um professor que consiga “arejar” e “rasgar” esse espaço com sentidos de abertura cultural, ética e estética – a concretização da colegialidade. Que consiga educar cidadãos cultos, com sentido crítico, criador e transformador – agora também a uma escala global e cosmopolita;

v) *Um novo pensamento* que salve a democracia. Esse campo da razão, da cidadania, da cultura, dos afetos e da criação. A democracia onde o Homem-*Todo* diz a sua liberdade (*liberdade livre* – pegando na expressão de Schiller (1994)) e onde a originalidade criadora e utópica *têm a sua casa*;

vi) *Um novo pensamento* que deixe marca, que deixe saudade (esse sentimento tão português). Uma marca singular de uma história de vida académica, cultural e intelectual. Que deixe esse *cravo*, esse *lume perpétuo* que fará memória e iluminará o futuro.

NOVOS DESAFIOS, NOVAS RESPOSTAS PARA O ATO PEDAGÓGICO

Das constatações e das reflexões atrás encimadas, poder-se-á afirmar que a *educação e o ato pedagógico, no sentido diplomático* (em 2050), conseguirão dar respostas aos novos desafios que se vão perfilando desde o nível micro, até ao meso e ao macro. Assim: *Que a educação e o ato pedagógico* ensinem a viver neste novo mundo, um mundo diverso, complexo e global, a necessitar da *compreensão humana*, como refere Morin (2015);

- *Que a educação e o ato pedagógico* encontrem na *linguagem, na experiência e no cuidado* a capacidade de construir o homem como experiência de si mesmo. Apropriar-se de seu originário modo de ser e, ao mesmo tempo, demonstrando a capacidade de abertura, de diálogo e compreensão de si, dos outros e do mundo;

- *Que a educação e o ato pedagógico* possam afirmar um *grande compromisso* – o de ser realizado todos os dias, em todos os tempos e em todos os espaços – para lá da escola formal;
- *Que a educação e o ato pedagógico* possam realizar-se no *pensamento e no corpo*. O cinema, o teatro, os museus, a poesia, a filosofia, a literatura, o desporto (as artes) como “coisas” do Homem-*Todo* e da sua humanidade;
- *Que a educação e o ato pedagógico* não esqueçam e cuidem das novas realidades: o cuidado com os idosos, a resolução da violência (doméstica, *bullying*, sinistralidade automóvel, terrorismo, a (e/i) migração etc.). *A diplomacia poderá ser a almofada de compreensão, comunicação e ação*;
- *Que a educação e o ato pedagógico* possam ser chamados a atuar numa sociedade nacional e internacional, onde as relações deixarão de ser hierárquicas, dicotómicas, dualistas para serem dialéticas e horizontais;
- *Que a educação e o ato pedagógico* possam ser chamados a ter a capacidade de se relacionar com alunos – *uma pedagogia para o acolhimento*;
- *Que a educação e o ato pedagógico* possam ser chamados ao sentido da crítica e da ética, que coloque novamente em cima da mesa o *viver cidadão e democrático* expresso nos direitos cívicos e éticos da participação, agora com cenários mais alargados e cosmopolitas;
- *Que a educação e o ato pedagógico* possam ser chamados à responsabilidade de libertar as pessoas (alunos), estimulando a sua autonomia e criatividade, num mundo que valorizará cada vez mais a criatividade individual;
- *Que a educação e o ato pedagógico* possam ser chamados à responsabilidade de criar currículos alternativos (longe da lógica do fechamento instrumental) que convoquem (outras) questões que dizem o humano, como sejam: a doença, a saúde, a dor, a violência, a morte, a separação, as rupturas e (in) sucesso profissionais;
- *Que a educação e o ato pedagógico* possam ser chamados à responsabilidade, a ver as tecnologias como instrumento (meio) possível e desejável na interação virtual entre alunos, pais, sociedade e, ao mesmo tempo, capaz de estimular a crítica no caminho do conhecimento e da sabedoria;
- *Que a educação e o ato pedagógico* possam ser chamados à responsabilidade de um desenvolvimento continuado de um conjunto alargado de redes sociais e de comunidades globais *online*. Esta realidade tenderá a implicar uma crescente participação, partilha, discussão e debate dos agentes educativos nessas comunidades. Por outro lado, a *ideia de presença* (rosto, hospitalidade) não deverá ser esquecida. Estamos a ser compelidos a afastar-nos fisicamente das pessoas. Mas o verdadeiro contacto é com o *corpo que fala, que sente, que pensa*;
- *Que a educação e o ato pedagógico* possam ser chamados à responsabilidade de novos cenários e atos pedagógicos. Em 2050, as *aulas* serão realizadas tendo a técnica e a tecnologia, em particular a inteligência artificial – como mediação –, como capazes de

estimular a aprendizagem mais individualizada e em grupo, onde todos os atores poderão participar: investigadores, professores, programadores, engenheiros. Por outro lado, pensamos que o ensino – *em presença e à distância* – estará assente em conferências, seminários, aulas, com sentidos pós-estruturalistas / desconstrutivistas. Este facto parece ser evidente perante a realidade atual – a da pandemia causada pelo Covid 19.

UMA CONCLUSÃO QUE FICA EM ESPERA

Tentámos mostrar que o futuro necessita de uma nova educação e de um novo professor – *um professor diplomata*. É um texto (voltamos a reforçar a ideia) assente num *exercício de abstração teórica e intuitiva*, cujo objetivo é o de projetar o porvir e as eventuais possibilidades de práxis educativas e pedagógicas, de entre uma infinidade de outras possibilidades e perspectivas, igualmente válidas.

Para tal, começámos por dar a conhecer a grande dimensão e complexidade da educação e do ser professor. Em seguida, formulámos algumas perguntas sobre o ser humano e a educação, para, logo em seguida, abordar a diplomacia como *caminho de ligação entre os homens*. Deste enquadramento, fizemos o *elogio ao professor diplomata*, destacando *a linguagem, a experiência e o cuidado* como caminhos desejáveis (existem outros) e necessários para a educação e para o ato educativo do porvir.

Olhamos, assim, para 2050, para os possíveis novos desafios e práxis. É nossa intuição que a Humanidade continua a constituir-se como uma espécie de divindade (ingenuidade? esperança?), onde o ser individual e coletivo deve *prolongar* a existência da humanidade. É uma ideia que está na linha da utopia de Vernant (2000) e Chardin (2012), em que (este último) sonhava com uma antropologia dinâmica pela caminhada do homem até Ómega e, com ela, a concretização de uma mente universal – noosfera –, onde o sentido último das coisas (da vida) está presente. Mas também é nossa intuição – sendo, agora, panteísta no sentido do Deus *Natureza de Espinosa* (2009) – que o ser individual e coletivo deve *preservar a Sua Existência (viver) e a Existência da Natureza*. Um professor diplomata!? Sim, porque vai ser chamado à responsabilidade de criar uma rede global humanizada, na qual o ideal da sabedoria, do amor pela vida e pela natureza – *o bom gosto, a civilidade – estarão no caminho do Bom Fim*.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Humanidade**. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar, 2008.

AIZAWA, M., et. al. **Specific Actions for the Japanese government to enhance Science & Technology Diplomacy**. Japan: The Council for Science and Technology Policy, Cabinet Office, Government of Japan, 2008. Disponível em: https://www8.cao.go.jp/cstp/english/doc/s_and_t_diplomacy/20080229specific_actions_for.pdf. Acesso em: 10 jun 2020.

ARAÚJO, A.; ARAÚJO, J. A Educação Nova e o Novismo em Educação: O novo como ilusão necessária. **Revista Portuguesa de Educação**, v.31, n.2, p. 23-36, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21814/rpe.13719>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/13719>. Acesso em: 20 jun 2020.

ARENDDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária, 1997.

ARENDDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. 16 ed. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2013.

BACON, F. **Nova Atlântida**. A grande Instauração. Lisboa: Edições 70, 2008

BARSTON, R. **Modern Diplomacy**. Nova Iorque, EUA: Routledge, 2014.

BASTOS, F. **Arqueologia (s) do poder. Espaço público: um projecto político, antropológico e poético**, Porto: Edições Afrontamento, 2012.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo, Brasil: Brasiliense, 2012.

BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v.19, n. 3, p. 20-28. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 10 nov. 2020.

BRITO, W. **Direito Diplomático (Série A ed.)**. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2007.

CAMPANELLA, T. **A Cidade do Sol**. São Paulo: Ícone Editora, 2002.

CASTELLS, M. **Sociedade em Rede**. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 2005.

CHARDIN, T. de. **O Fenómeno Humano**. 9 ed. São Paulo, Brasil: Editora Cultrix, 2012

CHAUÍ, M. **Experiência do Pensamento**. Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo; BR: Martins Fontes, 2002.

CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2011.

DAMÁSIO, A. **Ao Encontro de Espinosa**. As emoções sociais e a neurologia do sentir. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012.

DELEUZE, G. **Espinosa – Filosofia Prática**. São Paulo, Brasil: Escuta, 2002.

DERRIDA, J. **Signature, event, context**. Ohio, EUA: University of Washington Press, 1998.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editor, 1998.

ESPINOSA, B. **Ética**. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica Editora, 2009.

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática Educativa. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 36 ed. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 2003.
- GADAMER, H-G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, Brasil: Vozes, 2002.
- GRIFFERO, T. Experiência estética/experiência vivida. In: CARCHIA, G.; D`ANGELO, P. (org). **Dicionário Estética**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- HABERMAS, J. **Teoria de la acción comunicativa I - Racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid, Espanha: Taurus, 1987.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro, Brasil: Tempo Brasileiro, 1989.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, M. **Sobre a essência da linguagem**: a respeito do tratado de Herder sobre a origem da linguagem. Petrópolis, Brasil: Vozes, 2005.
- HEITOR, M. How university global partnerships may facilitate a new era of international affairs and foster political and economic relations. **Technological Forecasting & Social Change**, v.8, n. 95, p. 25 – 37, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2015.01.005> . Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0040162515000074> . Acesso em: 20 nov 2020.
- HESSEL, S.; MORIN, E. **Le chemin de L` espérance**. Paris: Fayard, 2011.
- HONORÉ, C. **Devagar**. 2 ed. Tradução: Marques, C. Rio de Janeiro, Brasil: Record, 2005. Título original: In praise of slow
- HUSSERL, E. **A Ideia de Fenomenologia. Textos Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1986
- JONAS, H. **Ética, Medicina e Técnica**. Lisboa: Editora Veja, 2012.
- KANT, E. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. Paracicaba, Brasil: Unimep, 1996. Título original: Über Pädagogik
- KANT, E. **Crítica da Razão Prática**. Lisboa: Edições 70, 1999a.
- KANT, E. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Edições 70, 1999b.
- KROEBER, A. **A Natureza da cultura**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- LARA, A. **Ciência Política-Estudo da Ordem e da Subversão**. 8 ed. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, 2015.
- LESSA, J. O conceito de experiência em Walter Benjamin: elementos para pensar a educação na infância. **Revista Zero-a-seis**, v.18, n. 33, p. 108-121, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2016v18n33p108> . Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2016v18n33p108> . Acesso em: 23 nov 2020.

LEVINAS, E. **Le temps et l'autre**. Paris, França: PUF, 1991.

LIBÂNEO, J. C. Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. In: J. C. LIBÂNEO; M. V. R. SUANNO; S. V. LIMONTA. **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança. diferentes olhares para a didática**. Goiânia: PUC GO, 2011. p. 85-100.

LOCKE, J. **Alguns Pensamentos sobre Educação**. Lisboa: Edições 70, 2019.

MAGALHÃES, J. **A Diplomacia Pura**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2005.

MALTEZ, A. **Curso de Relações internacionais**. Lisboa: Principia, 2002.

MAGNOLI, D. **História das Guerras**. São Paulo, Brasil: Contexto, 2006. v.3.

MENDONÇA, S. Diplomacia científica e tecnológica, comunicação de inovação e empreendedorismo. **Janus**, v. 2015-2016, p. 46-47, 2015. Disponível em: http://janusonline.pt/images/anuario2015/1.19_SandroMendonca_diplomaciaCTIE.pdf . Acesso em: 02 dez 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MIRANDOLA, G. **Discurso Sobre a Dignidade Humana**. Lisboa: Edições 70, 2006.

MOREIRA, A. **Teoria das Relações Internacionais**. Coimbra: Almedina, 2005.

MORIN, E. É preciso ensinar a compreensão humana [Entrevista cedida ao] Programa Milénio. **Fronteiras do Pensamento**, 5 de março, 2015. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-compreensao-humana?fbclid=IwAR3ptkPbWwo6UDAq1CY9TChUZCATEuTD9SsCHKzM6w5fv7ej6q0u2m40aCE> . Acesso em: 02 jun 2020

MORUS, T. **Utopia**. Tradução e comentários Aires A. Nascimento. Estudo Introdutório à Utopia Moriana por José V. de Pina Martins. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

NARANJO, C. **A revolução que esperávamos**. Brasília, Brasil: Verbena Editora, 2015.

NARANJO, C. A educação é a única forma de mudar o mundo. [Entrevista cedida a] Flávia Yuri Oshima. **Revista Prosa, Verso e Arte**, 12 de junho, 2019. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/a-educacao-e-a-unica-forma-de-mudar-o-mu...Acessado 09/04/2019>. Acesso em: 02 jun 2020

NEVES, J. **Rituais de Entendimento**. Teoria e Prática Diplomáticas. Apontamentos. Lisboa, Portugal: Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2011.

NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia**. Obras escolhidas de Friedrich Nietzsche. Lisboa: Relógio D'Água, 1997. v. I.

NIETZSCHE, F. **Gaia Ciência**. Obras escolhidas de Friedrich Nietzsche. Lisboa: Relógio D'Água, 1998. v. III.

- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. 13. Ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2004.
- NIETZSCHE, F. **Escritos sobre educação**. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2010.
- PASCOAIS, T. **O homem universal e outros escritos**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.
- PLATÃO. **A República**. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- RAMOS, D. A aprendizagem do pensar e a impossibilidade de ensinar filosofia. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 31, n. 2, p. 37-53, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21814/rpe.14105> . Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/14105> . Acesso em: 20 nov 2020.
- Ribeiro, F. (2011). Utopia e ciência contemporânea: um novo paradigma? **Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXII, 55-72. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1435/1225> . Acesso em: 08 jun 2020.
- RICOEUR, P. **Éthique et responsabilité**. Neuchâtel, Suíça: Éditions de la Baconnière, 1994.
- ROUSSEAU, J-J. **Emílio ou da Educação**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand Brasil, 1995.
- SCHILLER, F. **Sobre a Educação Estética do Ser Humano Numa Série de Cartas e outros Textos**. Trad. Cadete, T., Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.
- SERRES, M. **Hominescência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- SERRES, M. **Tempo de crises**. Lisboa: Guerra e Paz – Editores, 2019.
- SÉGUIER, J. **Dicionário Lello Prático Ilustrado**. Porto: Lello Editores, 2004.
- SICHELERO, J. A normatividade da linguagem na atividade educativa: uma leitura hermenêutica. **Pro-posições**, v. 3, n. 88, p. 567-589, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0104> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/p5sFD9RvtCCKYQ4q9rRvF5D/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 08 set 2020.
- SICHELERO, J. Linguagem, hermenêutica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. e-240012, 2019. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782019240012> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/WJmGXYz5yfcFHNYhKR7XzCJ/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 11 nov 2020.
- SOUSA GALITO, M. Diplomacia. **CI-CPRI**, AI, n.12, p. 1-42, 2011. Disponível em: <http://www.ci-cpri.com/wp-content/uploads/2011/12/Diplomacia1.pdf> . Acesso em: 13 nov 2020
- STEIN, E. **Aproximações sobre hermenêutica**. 2 ed. Porto Alegre, Brasil: EdiPUCRS, 2004.
- VARELA, C. et.al. Diplomacia científica: do conhecimento acadêmico ao soft power político. **Janus**, v. 2017, p. 60-61, 2017. Disponível em: https://janusonline.pt/images/anuario2017/1.26_Carolina%20C3%A1tiaManuel_Diplomacia Cientifica.pdf. Acesso em: 09 set 2020.
- VAZ, H. **Antropologia filosófica I e II**. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1992.

VERNANT, J-P. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2000.

VIEIRA, A. **Obra completa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

WITTGENSTEIN, L. **Tratado lógico-filosófico**. Investigações filosóficas. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste de Gulbenkian, 1987.